

Romance de cavalaria: tessituras entre arte e mito na literatura medieval

Márcia Maria de Medeiros¹ (UEMS)

Algumas reflexões preliminares são necessárias ao estudioso que busca fazer a análise historiográfica de qualquer fenômeno literário. É necessário que ele estabeleça os pontos de vista que tornam claro o conjunto de valores que expressam da melhor forma possível aquilo que passará para o cânone literário e que acaba sendo considerado literatura.

Alguns estudiosos põem em dúvida a própria validade de uma história da literatura ou, o que significa praticamente o mesmo, reduzem-na apenas a um amontoado cronológico de estilos, autores e obras, a uma organização de fatores necessários ao entendimento das obras, mas que nada teriam relacionado ao valor intrínseco das mesmas. Dentro dessa perspectiva, os valores estéticos questionam a história.

Este texto não pretende negar a permanência de valores literários, os quais chegam a desafiar as infidelidades que a tradução e a interpretação de algumas obras sofrem, devido ao fato de terem sido originalmente produzidas em línguas e/ou instituições já mortas há muito tempo. Livros que sobrevivem ao tempo e ao espaço têm uma história muito complicada, que conclama aqueles que se debruçam sobre eles a acompanhar a sua gestação, a sua redação e o momento em que o público toma contato com eles.

¹ Márcia Maria de MEDEIROS trabalha na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Contato: marciamaria@uems.br

Além disso, há que se analisarem as apreciações que se foram impondo através dos tempos a estas obras mais antigas. Muitas vezes estas apreciações dão a impressão de serem desprovidas de essência ou são realizadas sem uma adequação coerente. Seguir essa tendência marca claramente o grande papel da crítica, qual seja a desconstrução sem uma metodologia fixa e amarrada (a cada objeto um olhar), mas que permita observar o não-dito oculto em cada texto literário.

Na opinião de Antonio José Saraiva, na obra **História da literatura portuguesa**:

(...) esta crítica já é histórica (...) entra já em linha de conta com uma conjetural histórica do livro, desde as suas fontes e elaboração até a apreciação predominante entre os próprios contemporâneos do crítico. (...) a crítica de um livro antigo não pode atingir a sua estrutura formal sem compreender a pluralidade histórica a partir da qual ele foi elaborado e que já não deve considerar inteiramente informe, ou neutra (...) (SARAIVA, s/d, 9).

Desse fenómeno não há como escapar: a literatura seja como ficção, seja como estilo, esboça-se no texto das mais elementares relações humanas; as mais simples e constantes transformações das coisas e dos valores sociais estimulam a transformação dos significados e, a partir desse prisma, até anedotas passam a conter juízos perfeitos. Toda a ficção literária se origina dessa translação nos significados das palavras que se

referem ao humano, às necessidades dos homens e dos movimentos sociais, ao espaço em que a sociedade se organiza e às relações sociais que se estabelecem entre os pequenos e os grandes grupos humanos.

Levando-se em conta esse processo, percebe-se que a descoberta desse aspecto cotidiano dentro da literatura e (pode-se ir mais longe) dentro da historiografia literária é uma descoberta recente. Mostrar como o cotidiano vivido é representado na imaginação dos homens de uma época faz com que esse tipo de análise se inscreva no campo do imaginário e da mentalidade coletiva.

Saber como um grupo humano vivia é um fenômeno importante: essa é a função da história. Mas tão, ou mais importante que isso, é saber como eles pensavam; que conjuntos de valores preservavam; como representavam a realidade existencial. Nesse quadro estão inscritos os seus sonhos, os seus ideais de vida, as suas ideologias, tudo aquilo que a realidade estéril impede de ter existência, por amarrar o grupo em meandros limitados.

Sobre o assunto diz José Roberto Mello, na obra **O cotidiano no imaginário medieval** que:

(...) nós vivemos em função das aspirações, das motivações e ideais que propomos, de nosso modo de ver a vida e o mundo. De toda a documentação ao alcance do historiador, um dos melhores segmentos para a análise de tais fenômenos é o da literatura. (MELLO, 1992, 8).

Cada sociedade humana é da mesma forma que suas realidades econômicas, políticas e sociais, um produto de suas angústias, de suas fantasias e de seus sonhos, projetados nas utopias que ela elabora e que encontram vida e forma nas linhas que seus escritores garatujam. Essas utopias podem servir a vários senhores desde sonhos de liberdade até ideais totalitários sem, porém, identificarem-se com qualquer *dominus*, pois elas representam o maior exercício possível de liberdade humana.

A utopia é a negação de um presente medíocre e sufocante, é o espaço de um futuro sem limites e sem fronteiras, sustentado unicamente pelo desejo. A utopia representa um sonho que apazigua as consciências mais rebeldes, regressando à perfeição das origens, marcando o reencontro do homem consigo mesmo. Toda a utopia é marcadamente globalizante, abarcando todos os aspectos do sentir, do agir e do pensar humanos. Especificamente no caso das utopias medievais, existe uma diferença latente, qual seja ela, a presença acentuada de componentes míticos.

Sobre o mito, informa Hilário Franco Júnior em sua obra *As utopias medievais*, que:

O mito [é] um relato cujos componentes essenciais estão na esfera do sagrado e cujos objetivos são as origens e/ou características de fenômenos naturais e sociais importantes para uma dada sociedade, levada por isso a especular sobre eles. (...) forma de conhecimento que equaciona as grandes questões espirituais e materiais da sociedade (FRANCO JÚNIOR, 1992, 11).

Esse fenômeno é uma manifestação do imaginário que está historicamente presente em todas as sociedades em todas as épocas, mas é manifestamente mais explícita e clara muito mais sentida e vivida nas sociedades arcaicas, nas quais a razão (outra maneira de conhecimento e de relação com cosmo e o social) ocupa um espaço muito mais restrito, ainda que presente dentro do próprio mito, pois a sua forma não deixa de demonstrar um sentido racional para aquela realidade onde ela se constitui.

Seguindo esse pressuposto percebe-se que ao lado dessa projeção mítica, outros conjuntos de valores vão se formando. A esse conjunto soe chamar-se ideologia, a qual é uma organização consciente e elaborada, segmentada socialmente e que expressa certas necessidades e expectativas dos indivíduos que a criam, adotam e propagam. A ideologia não passa de um sistema de representação que constrói uma imagem da sociedade carregada de fortes cores.

Essa imagem cria o arquétipo que uma sociedade terá em determinada época sobre bem e mal, justiça e injustiça, amor e ódio, razão e irracionalidade; enfim todos os elementos que marcam a conduta humana em certos períodos e sobre certos aspectos. Cada ideologia se impõe na medida em que reprime as demais, sendo esse fenômeno uma pré-condição para a mudança dentro do curso da história que ela considera necessária e em condições de realizar.

A Távola Redonda tem na sua criação e elaboração várias pinceladas de tradições míticas diferenciadas, como a céltica, por exemplo. Sobre o assunto diz Jean Pierre Foucher na obra *Romances da Távola Redonda*:

A mais geral é a da 'Mesa dos Festins'. Em determinadas regiões e em determinadas ocasiões, essa mesa podia justamente ter forma redonda, a acreditar-se no testemunho de um viajante grego, Posidonios, que por volta de 50 a. C., visitou a Gália (mas não a Bretanha insular) (FOUCHER, 1998, 16).

Relacionar com tradições míticas a invenção da Távola Redonda não significa ceder a especulações desnorteadas. O papel dos símbolos míticos dentro da literatura que dá origem à matéria de Bretanha é extremamente importante. A arte decorativa irlandesa é prenhe de símbolos solares, como por exemplo, a cruz céltica (uma cruz imposta sobre um círculo). Destarte, Artur poderia muito bem ser um mítico herói solar, inventor da Távola Redonda, outro símbolo solar, por sua vez.

Daí os cavaleiros da Távola serem como raios de sol que iluminam o mundo e dispersam as trevas, constituindo-se em ideais heróicos que abonam e beneficiam a cavalaria. A Távola Redonda significaria o mundo redondo e a circunstância dos elementos do firmamento. Essa interpretação, de cunho platônico não causa surpresa, pois Platão havia afirmado que o mundo é esférico e circular.

Na opinião dessa corrente platonista, a esfera é a forma mais perfeita, pois todas as distâncias desde o centro até suas extremidades são iguais. Da mesma forma a alma, colocada enquanto centro do corpo estende-se por todas as direções dele de forma perfeita e acaba envolvendo-o formando assim, junto com o universo, um céu circular, único.

Unindo a ordenação mítica e a ordenação ideológica, tem-se um sentimento utópico que marcará a expressão dos desejos coletivos de perfeição de uma sociedade, quase sempre retornando a uma situação primordial da humanidade. Essa imaginação utópica é um elemento produzido pela história, mas que a nega ao mesmo tempo. Desempenha, assim, o papel de uma derradeira ideologia histórica, porém nega ser uma ideologia. A utopia nascida desse contexto é nostálgica, busca a harmonia edênica do Paraíso, sendo, portanto um mito projetado no futuro, com os olhos voltados ao passado.

O mito trata de fatos acontecidos em um tempo anterior, a ideologia de fatos que ocorrem no presente e que devem ser modificados, a utopia trata do tempo por vir, do futuro. Outros traços ainda marcam a utopia e a ideologia: uma é sempre coletiva; a outra, segmentada, a primeira é freqüentemente fruto do inconsciente, a segunda é sempre consciente. A utopia nasce do sentimento e da esperança; a ideologia do pensamento e da ação, uma é harmônica em suas várias expressões, a outra apresenta oposição marcada entre suas manifestações. O sucesso de uma e de outra, entretanto, depende do mesmo fator: a quantidade e enraizamento do material mítico nelas contido.

A tradição épica da literatura medieval carrega em si muito dessa proporção mítica, simultaneamente histórica e lendária. Os heróis dessa tradição tornam-se fabulosos, descendendo de um pai que não o é menos. O rei Artur exemplifica esse processo: filho de Uterpendragon (Uter-cabeça-de-dragão) é um personagem mitológico que se designa como o rei dos mistérios revelados, grande senhor da guerra de façanhas inenarráveis, dizimador de exércitos e castelos.

A representação desse Artur mitológico é enaltecida pela forma sempre presente do Artur histórico, provavelmente um caudilho que auxiliou nas batalhas contra os romanos nos idos anos dos séculos V ou VI e que serviu como fonte de inspiração para os romances que falavam sobre sua heróica figura.

Assim, Artur aparece como um herói de guerra, o qual lutou contra os invasores anglos e saxões, o grande *dux bellorum* caído na batalha, mas que está destinado a aparecer novamente um dia entre seu povo. Esse mito constituiu um tipo ideal da cavalaria franco-normanda em cujo castelo se reuniam os cavaleiros, paladinos da Távola Redonda, doze em número como doze eram os pares de Carlos Magno, figura histórica que se tornou lendária através da **Canção de Rolando**, gesta que narra a queda de seu sobrinho Rolando diante dos muçulmanos.

É interessante observar que a história de Artur e seus cavaleiros se tornou conhecida em toda a Europa medieval, de modo que se pode dizer que poucas figuras na literatura universal alcançaram tanto destaque e popularidade quanto Lancelote, Guinevere, Merlim, Artur e seu séquito de cavaleiros. Poucas personagens conservaram uma vitalidade tão rica que serviu de inspiração para poetas e músicos de várias regiões. Sobre esse assunto afigura-se Santiago Prampolini, na obra **Historia da literatura universal**, que:

Poucas figuras (...) conservaram nos séculos a vitalidade tão rica para tentar poetas e músicos de todos os países e tendências. Mas ao lado de tal riqueza, íntima e intensa, de humanidade, e o ímpeto da fantasia e da paixão que conduz até os limites do mistério,

existem rasgos característicos, essenciais da alma celta, que por uma singular vizinhança com o tempestuoso Atlântico parecem haver derivado o sentido do intenso, a certeza consoladora do mais além e uma admirável atitude para sentir e criar no mundo da poesia (PRAMPOLINI, 1940, 320/321)

Os romances de cavalaria recriam um mundo onde existe um modo de ser e de agir que possui um toque de refinamento, o qual contrabalança uma realidade histórica difícil: em meio as aventuras de Artur e seu séqüito de paladinos se encontra a doçura cortês do cavaleiro para com a sua dama, levando o leitor a perceber que no comportamento daqueles homens e daquelas mulheres havia uma certa moral e uma elegância que eram melhores que as que a convivência real deixava entrever.

Esse conjunto de valores permeados de elementos míticos que revelam modos de ser no mundo e modos de ver o mundo perpassa épocas e obliteram os séculos fazendo sucesso em meio as mais radicais transformações sócio-culturais: eles já sobreviveram ao período da Reforma Protestante, viram nascer os Estados Absolutistas e o período do Renascimento Cultural, pois quando Thomas Malory redescobriu o ciclo arturiano dos romances de cavalaria e escreveu **A morte de Artur**, a Europa já estava vivendo os últimos anos do século XV e encaminhando-se para o século XVI.

Perceba-se que o conjunto de valores expresso nos romances de cavalaria: a lealdade, a coragem, a castidade... são valores retomados na atualidade pela sociedade contemporânea, em pleno século XXI! Observa-se, assim que essas práticas que

nem por um momento foram obliteradas do imaginário social, apenas passaram para outra categoria, ou seja, o inconsciente coletivo, categoria de análise que faz parte do arquétipo da história das mentalidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCHER, Jean- Pierre. **Romances da Távola Redonda**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRANCO Jr., Hilário. **As utopias Medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MEDEIROS, Márcia Maria de. **A construção da figura religiosa no romance de cavalaria**. Londrina: UEL, 2006. 160 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

MELLO, José Roberto. **O cotidiano no imaginário medieval**. São Paulo: Contexto, 1992.

SARAIVA, José. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Editora do Porto, s/d.

PRAMPOLINI. **História da Literatura Universal**. Buenos Aires: UTEHA Argentina, 1940.

